

“Compro ouro”

Julián Marías (*)

Toda uma porção do Centro de São Paulo, em torno da praça da República, está convertida em área exclusiva para pedestres. Na cidade enorme, que há muito passou dos seis milhões de habitantes, dos dez se contada a Grande São Paulo, este setor tranqüilo, onde se pode passear, perambular, comprar, sentar para ler, tomar um cafezinho ou uma cerveja realmente gelada, ou apenas ver passar a gente, resultou ótimo. É uma ilha entre as grandes avenidas saturadas de automóveis, ônibus, caminhões, vias sujeitas à rápida transformação, porque a autofagia da cidade vai substituindo as velhas casas de dois andares por arranha-céus. Alguns, esplêndidos, mostras admiráveis da vacilante arquitetura do século XX; outros, horrores. Perguntei a um amigo quem havia projetado um deles, particularmente repelente, e ouvi o nome de um dos mais famosos arquitetos do Brasil e do mundo.

É assombrosa a pujança, a vitalidade desta cidade e do Estado inteiro — aproximadamente meia Espanha —, cheio de problemas, como o mundo inteiro, mas pleno, sobretudo, de realidade, de forte personalidade, de inspiração e espontaneidade, como, aliás, todo o Brasil. É evidente que este imenso país, que quase ninguém conhece em sua totalidade, tão diverso, necessita organização, coerência, harmonia. Mas — pensava eu ao andar pelas ruas de São Paulo, como outras vezes por outras cidades — quem exercer o poder no Brasil deverá evitar a tentação da ordenação rígida, do unitarismo e da disciplina; não só porque a variedade do território e dos habitantes o impede, sugerindo a necessidade de que os Estados tenham direitos, e se convertam em centros articulados, mas autônomos, como por razão ainda mais elementar e profunda.

Basta sair a uma rua brasileira para sentir a palpação das vidas individuais. Nela não há “massas”, há inúmeras pessoas, ou, melhor ainda, homens e mulheres (e crianças também, o que começa a rarear em outros países). Vêm-se muitas mulheres grávidas, que levam com naturalidade e alegria sua esperança, e este espetáculo, outrora tão familiar, hoje quase produz surpresa. E essas pessoas vão para suas ocupações — ou para seus ócios — com espontaneidade, com ar talvez atarefado, mas nunca mecanicamente precipitado. Dir-se-ia que vão para onde for a partir de si mesmas, por iniciativa própria; que não são autômatas, nem seguem tangidas por uma corrente ou um vento coletivo. São traços estes que “entram pelos olhos”, mas que quase ninguém deixa entrar e produzir seus efeitos na mente.

Se não me engano, é esta a grande potência do Brasil, e seria um erro tremendo deixar perdê-la ou trocá-la por outra, boa para outras formas de sociedade, mas inadequada para esta. Cumpriria organizar o Brasil partindo desta força individual, desse manancial vivente que é cada pessoa, que brota desordenadamente e sem plano, que talvez se desperdiça e se dissipa, mas que é o que há, a verdadeira riqueza. (Quanto na Espanha se dedicam a acabar com a tendência e a satisfação do espanhol com a conversação, a tertúlia, e só exigem que ele se deite e levante cedo, repartindo o tempo entre o escritório e a televisão, sem ver que quase tudo o que os espanhóis inventaram — e é assombroso quanto — nasceu da conversa de uns com os outros, e estava a ponto de atingir a perfeição quando se começava a falar de verdade uns com as outras.)

É curioso que se possa generalizar como caracteres do Brasil estas notas que percebi há pouco tempo em São Paulo, embora dentro do País se considere este Estado, e sobretudo sua Capital, como o extremo oposto, por exemplo, do Nordeste. Meu grande amigo, o extraordinário escritor e sociólogo Gilberto Freyre, no seu Recife natal, contrapõe a forma de vida de seu

Estado à de São Paulo; o mesmo acontece na Bahia, o Estado mais “brasileiro” de todos. E, sem embargo, encontro em São Paulo esses mesmos caracteres. É mais uma prova de que as nações são muito mais reais que suas partes — Estados, regiões, províncias. Diferenças que de dentro parecem tão grandes; vistas de fora quase se desvanecem, reduzidas a nada mais que matizes.

Esta vitalidade do Brasil aparece em mil coisas; por exemplo, em algo que nos toca de perto: no centenário de Ortega. Foi comemorado no Brasil, provavelmente mais que em qualquer outro país, salvo a Espanha e a Argentina. Em muitos lugares houve conferências. Os grandes jornais publicaram esplêndidos suplementos ou números especiais, com artigos, fotografias, antologias, não iguaisados senão por um ou dois periódicos espanhóis. Vi um número do *Diário Oficial* do Estado da Bahia, com uma fotografia colorida e um artigo dedicados aos reis da Espanha, e todo o restante a Ortega.

Mas o que eu queria contar é que toda essa parte do Centro de São Paulo reservada aos pedestres está repleta de homens portando cartazes de anúncio, velha profissão quase extinta, e que sem dúvida revelam uma crise econômica, alto nível de desemprego. Com toda certeza, o homem-anúncio está mal pago. (Recordo que durante longo período, mais de 12 anos, de minhas magérrimas vacas, a partir de 1939, eu professava este princípio: “Não há trabalho mal pago, enquanto não existir outro melhor pago”. E me sujeitava a ele. Hoje ninguém o aceita, ninguém quer um trabalho menos bem pago que o normal, o que explica boa parte de nossa situação e a preferência pelo parasitismo.) Mas, ao fim e ao cabo, algo recebe o homem do anúncio, e, mesmo estando “parado”, tem seu emprego, por modesto que seja.

O interessante, sem embargo, não é isso. É que cerca de 90% dos cartazes dizem, em grandes letras: “COMPRO OURO”. E às vezes acrescentam a quanto, desde 9.000 a 16.500 cruzeiros (suponho que o grama). Imagino que a diversidade indica tratar-se de um preço máximo, e ao vendedor que pretenda o preço superior se diga que seu ouro é de poucos quilates.

Se a multidão de homens-cartazes indica desemprego, o que a imensa maioria dos anúncios mostra é a inflação — os dois grandes males econômicos desta época. O cruzeiro tem pouco valor e menos estabilidade; os preços aumentam a um ritmo desconhecido na Europa (a cada mês, não a cada ano, como ali). Daí a avidez pelo ouro, valor estável, embora improdutivo.

Explicaram-me que há outra razão para a demanda do ouro, e esta não é econômica, e sim social. Em São Paulo, a propriedade não está muito segura; há assaltos; muitas vezes os automóveis não param à noite no sinal vermelho, com tolerância da polícia, para evitar o assalto provável; não raro, casas e apartamentos são invadidos por ladrões. Os assaltantes se desfazem do ouro e das jóias por baixo preço; o negócio é claro. Estes inumeráveis cartazes equivalem à análise de alguns aspectos da sociedade paulistana.

Cumpriria conjugá-los com outros, orientando a espontaneidade, a iniciativa, a naturalidade da vida, sem congelá-las ou petrificá-las, sem regimentá-las, por algo positivo e criador. Em direção a isso que se chama uma empresa. Não se requer mais que uma coisa: imaginação política.

(*) Julián Marías, escritor e filósofo espanhol, discípulo de José Ortega y Gasset, passou por São Paulo há pouco mais de um mês e, de regresso a Madri, escreveu este artigo que enviou para publicação, em primeira mão, no JT. A tradução é de Gilberto de Mello Kujawski.